

## VINHO – AMOR – PRAZER:

TEMAS CLÁSSICOS NO CANTO LATINO DE UM PORTUGUÊS DE QUINHENTOS

---

*Carlos Ascenso André*

*Occidua plaga* – o derradeiro areal onde o sol declina, onde se finda a luz, onde, talvez, o tempo, ele mesmo, se apaga.

*Occidua* – onde se morre.

Longa é a viagem dessas outras costas mais remotas, no velho Lácio, até esta linha distante; longa no espaço, não menos longa no tempo. Quanto se não terá perdido no caminho?! Desde logo, diluiu-se, por força da jornada, a pujança de outrora, quando a cidade cresceu com a República, para a ver sucumbir, e, depois, ganhou as dimensões do mundo, em dias do Império.

A pujança volvida canto, música, palavra, na voz dos poetas que viviam como ninguém os dias da luz intensa, do entusiasmo contagiante.

Do quotidiano, pois, emergia a poesia, essa força que jorra das entranhas, dos recantos onde o húmus se confunde com a alma, com o sangue. Do quotidiano. De onde mais podia ela emergir?

Foi assim que se foram cerzindo com a sua história, com a história dos homens e da cidade, os poetas do Lácio, os poetas de Roma. E é esse processo – chamemos-lhe osmose, penetração ou o que quisermos – que explica os poetas latinos.

Virgílio, o poeta da condição humana, não teria sido possível, porventura, em época distinta da que foi a sua, conturbada por convulsões sociais que dilaceravam a Itália e que a ele, poeta intimista, lhe dilaceravam a alma.

Catulo, o poeta do amor arrebatado e da paixão doentia, terá nascido

prematuramente, em tempo em que Roma não era ainda propícia a essas tendências crepusculares que dão ao canto uma tonalidade mórbida, com as fulgurações belas dos relâmpagos portadores da destruição. Ele é, porém, uma antevisão desses dois outros cantores do amor corrosivo; corrosivo, sim, porque o amor, quando paixão, como sucede em Propércio ou em Tibulo, tem a fúria abrasadora do fogo, é certo, mas também a energia devastadora dos ácidos.

Horácio, por seu turno, emerge em momento de acalmia, quando Roma respira, ofegante, da ruína; o amor sereno – mas nem por isso menos lascivo –, perpassado de brisas ou solidões, é, em Horácio, um canto de repouso, aconselhado pelos sinais dos tempos.

Já Ovídio, cujo retrato de poeta se forja nos corredores do poder, entre lampejos de uma luxúria recém-aprendida e rituais de riqueza debutante, escolheu o caminho que convinha a um poeta de corte e erudito: o do catecismo amoroso, a pedagogia, não direi das paixões, mas, pelo menos, das sensações que percorrem a flor da pele, a linha do olhar, a traça voluptuosa das formas.

Marcial, enfim, conhece de Roma os salões do deslumbramento, mas igualmente os becos escusos da ralé; frequenta as clientelas, mas ensaia, em meio do séquito, o sorriso trocista que irá descambar em gargalhada; implacável na execução da sua galeria, reflecte a consciência do desabamento que se avizinha.

Todos eles, cada um de seu jeito, marcaram o seu tempo. De uma certa forma, marcaram todos os tempos. Neles pretenderam beber cantores de outras épocas e outras plagas: a Idade Média, o Renascimento, a Modernidade. E quiseram fazê-lo com os mesmos instrumentos: a palavra e o verso latinos, eficazes na construção de um universo poético ímpar, porque filho de um tempo ímpar. Quiseram segui-los. Com êxito? Creio bem que não. Nesse universo de sensações violentas, os poetas latinos da Idade Média ou do Renascimento são um pálido reflexo daqueles que pretendem imitar.

Verdade seja que, em poesia, por eterno que seja o linguajar dos corpos, a linguagem das palavras que nele se recorta é precária. E havia passado já o tempo em que o vocabulário da sedução e do prazer tinha os contornos da língua do Lácio.

Aprendiz que sou da literatura latina do Renascimento, não me levarão a mal que faça, aqui, uma afirmação de princípio: a lírica humanista da Renascença não possui aquela energia interior que forjou os poetas de Roma que lhe servem de modelo; falta-lhe, em meu entender, aquele casamento cúmplice entre a língua em que se plasma e o quotidiano de que emerge; e a ausência do quotidiano embacia-lhe a superfície e retira-lhe o lampejo essencial ao texto poético.

Não direi que não há poesia; há e, por vezes, tecnicamente perfeita, mormente quando se trata de canto de circunstância. Aqui e ali, pode ver-se, à superfície, aquela tonalidade emotiva que deve dar-lhe cor. Mas essa sementeira em terreno de emoções é rara e pouco fértil.

Procuraremos, entre os poetas latinos do Renascimento, aquém e além fronteiras, o canto épico, o elogio, o poema fúnebre, a elegia ocasional; há muitos exemplos e, por vezes, de qualidade.

Busquemos o poema amoroso, a celebração do prazer, o canto da alegria esfuziante: são escassos os exemplos e, as mais da vezes, de qualidade muito discutível.

Citemos ao acaso, de entre os Portugueses: André de Resende é um bom poeta, nas formas e, de quando em quando, nos temas. É difícil, porém, descortinar emoções nos seus textos. Aires Barbosa é variado e tecnicamente perfeito: não cura, no entanto, de sentimentos. Inácio de Moraes, Diogo Mendes de Vasconcelos, Jerónimo Cardoso, Lourenço de Cáceres, Jorge Coelho e tantos mais: em todos encontramos belos exemplos de uma apurada técnica de fabricação poética; raro logramos desvendar-lhes o coração nos interstícios dos textos que nos legaram em latim.

Não lhes falta perícia no uso da língua latina. Longe disso. Dominam-na com mestria e saber, não fosse este o tempo em que o latim era a língua, por excelência, da comunicação internacional, a língua da pedagogia, a língua das elites. Não era, contudo, a língua do quotidiano, aquela com que se chora, com que se ri, com que se ama. E é desta outra que se tece a poesia.

As excepções merecem, por isso, especial atenção. Tanto mais que não são muitas.

Entre os Portugueses, logro descortinar dois poetas que se destacaram: um, Henrique Caiado, tomou como modelo o canto bucólico virgiliano; é exímio no género que elegeu, mas não é esse que se pretende privilegiar nesta intervenção. Forçoso é reconhecer, entretanto, que Caiado passou com sucesso aquela linha de fronteira que separa o poema exclusivamente retórico do poema verdadeiramente poema.

O outro, porventura menos conhecido, é o judeu português Diogo Pires. Nascido em Évora nos começos de Quinhentos, deixou o país aos 18 anos, em busca de segurança e tranquilidade alhures, até vir a morrer, octogenário, em Ragusa, actual Dubrovnik, perto do fim do século. Longa peregrinação, desde a *occidua plaga* até costas bem mais remotas.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Para informações de pormenor sobre Diogo Pires, com bibliografia actualizada e enumeração minuciosa das suas obras impressas ou manuscritas, veja-se C. A. ANDRÉ, *Um judeu no desterro: Diogo Pires e a memória de Portugal*, Coimbra, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos / INIC, 1992.

A Diogo Pires, nessa deambulação imposta, ter-lhe-á sido forçoso eleger uma língua de quotidiano bem distinta da que lhe servira de berço. É possível que o latim, por força das circunstâncias, lhe fosse a língua inevitável. Talvez por isso se tenha tornado tão bom poeta.

Este português errante é um exemplo raro de variedade temática, aliada a um tecnicismo formal de grande apuro. Celebrou as suas crenças judaicas, mas também S. Brás, o santo padroeiro da cidade que o acolheu. Teceu loas aos reis portugueses, mas também a Carlos V e ao sultão turco Solimão. Engrandeceu lugares e gentes de Portugal e foi premiado por longa elegia às famílias aristocratas de Ragusa. Publicou uma compilação de dísticos morais, com intuito pedagógico, e não se furtou a entoar o amor, o vinho, o prazer, as mulheres.

Prolixo e contraditório, é nestes últimos temas que se afasta dos seus contemporâneos e se aproxima – o que é raro entre os poetas do Renascimento – dos clássicos de Roma.

Ao contrário de muitos do seu tempo, não se quedou por temas artificiais e rebuscados; ao invés, lançou mão do quotidiano e deu-lhe configuração poética, a exemplo, ora de Ovídio, ora de Horácio, ora de Propércio ou Tibulo, por vezes, até, de Marcial.

Um dos exemplos mais notórios é a celebração do vinho e suas virtudes, tema, como se sabe, muito caro a Horácio. Conhece-se, do Venusino, um ideal de felicidade: uma noite de Inverno, o calor reconfortante da lareira, uma matrona por perto, formosa quanto baste para lhe acalentar as horas, mas sem deixar desvanecer-se a lucidez, uma taça de vinho nas mãos.

Assim pensa também Diogo Pires, que trocava versos por um trago, pouco interessado em pagas de outro tipo ou mais valia:

*Carmina mitto tibi. Tu carmina nulla remitte.  
Ebria Musa mea est; uina, Benesse, uolo.<sup>2</sup>*

Versos, eis o que te envio. E tu, não me tornes, em troca, qualquer verso.  
É ébria a minha musa. Vinho, ó Benesso, é o que eu quero.

Não se fica por menos o poeta, consciente, segundo se deduz de outro passo, das virtualidades dos dons de Baco. apreciador do doce remanso, sabe que o torpor é o reino da tranquilidade, de fronteiras vedadas ao buliço do dia-a-dia; e, para atingir esses domínios, nada como uma boa taça, de preferência sem mistura, conforme preceituava, em certas ocasiões, o modelo horaciano:

---

<sup>2</sup> Dístico anexo a *Elegiarum libri tres* (ms.) 1.10.

*Ebrietas interdum prodest*<sup>3</sup>

*Sobria nox animo curas inducit amaras,  
nec patitur dulci membra sopore frui.  
Heus, puer, ut molli submittat lumina somno,  
utque abigat curas, largius adde merum.*

**A embriaguês, de tempos a tempos, dá jeito**

Uma noite sóbria insinua no coração cuidados amargos  
e não consente ao corpo desfrutar de um doce torpor.  
Pois bem, rapaz, para o vinho sujeitar os olhos às doçuras do sono  
e manter ao largo os cuidados, chega-lhe mais e do puro.

O seu ideal de felicidade em pouco se distingue do do poeta da corte de Mecenas. O vinho e a lareira nas longas noites de Inverno, como forma de apaziguar as agruras do clima; as noites a correrem lentas, envoltas em torpor; a felicidade ao alcance da mão, se a tudo isto acrescer a presença calorosa de uma mulher:

*Ad Faletum*<sup>4</sup>

*Castaneae molles et dulcis copia musti  
et qui continuo lucet ab igne focus.  
Diminuunt nobis hybernae tempora noctis  
et faciunt celeres tardius ire dies.  
Castra petant alii regesque sequantur in armis  
perque feros enses et sua fata ruant.  
Me iuuet ad feras deducere uina lucernas  
et madidum multa saepe iacere rosa.  
Quod si forte latus iungat non rustica uirgo,  
uicimus. Haec uoti est summa, Falete, mei.*

**A Faleto**

Castanhas maduras e mosto doce até fartar  
e a lareira a reluzir de labaredas sem parança,  
eis o que faz minguar o tempo nas minhas noites de inverno  
e leva os dias velozes a correr com mais vagar.  
Busquem outros campos de batalha e sigam os reis de armas em punho  
e corram por feras espadas e os fados que lhes são próprios.  
A mim, apraz-me, antes, entornar vinho até às luzes mais tardias  
e bastas vezes ficar estendido, feito esponja.  
E se acaso me enlaçar o peito uma cachopa não desajeitada,  
triunfei. Este, ó Faleto, é o maior dos meus votos.

<sup>3</sup> *Cato Minor*, 1596, pp. 104-105.

<sup>4</sup> *Ibidem*, p. 136.



A mulher e o amor, portanto, são parte essencial do universo poético de Diogo Pires. Discípulo de Ovídio, cultiva as artes da sedução. Mas, porque é filho do seu tempo, a mulher que celebra tem, por vezes, a tez da musa petrarquista, onde se conjugam em estranha harmonia a palidez do rosto, o oiro dos cabelos, a púrpura sensual dos lábios. Em tal retrato, onde não faltam sugestões eróticas em que a poesia em vernáculo é fértil, mais se aproxima Diogo Pires dos pré-renascentistas italianos – o cantor de Laura, em especial – do que dos poetas clássicos que lhe ficam longínquos. Uma nota que não deixa de surpreender, tanto mais que a lírica humanista parece, em regra, ter andado arredada da sua contemporânea vernácula.

Veja-se como o poeta português celebra uma serrana dos Alpes, cuja figura o fascinou:

•  
*De serrana Alpina*<sup>5</sup>

*Serranae Alpinae facies me perculit. Ibat  
nuda caput, teneros nuda puella pedes,  
os niueum, formosi oculi, coma concolor auro,  
aemula purpureis labra fuere rosis;  
quale Paros, uel quale secat Carraria marmor,  
qualis in Aemonio monte rigescit aqua,  
talía quae nostros oculos rapuere fuisse  
pectora, uel certe candidiora, puto.  
Aura leui crepitans nudabat crura susurro,  
crura Lycaonias uincere digna niues.  
Me miserum, ueros quid non offendat amantes?  
Aura meis oculis insidiosa fuit.  
Pendebat pharetra ex umero; sic per iuga Cynthi  
ire solet timidis torua Diana feris.  
Illa mihi primum dea credita, nam mea certe  
pectora nescio quo diriguere gelu.  
Mox ubi mortalem uox arguit et mihi raptim  
dum properat, solito mollius inquit "aue",  
"tu mihi per rupes et deuia saxa uaganti  
siue deas es", dico, "siue puella, faue".*

**De uma serrana dos Alpes**

O rosto de uma serrana dos Alpes fez-me estremecer. Caminhava  
de cabeça descoberta a donzela, a descoberto os pés delicados,  
rosto como a neve, formoso o olhar, cabelos da cor do ouro,  
os lábios rivais do tom púrpura das rosas.

---

<sup>5</sup> *Eleg.* 2.3.

Qual mármore se talha em Paros, qual em Carrara,  
 qual corrente enrijece de gelo no monte Emónio,  
 assim julgo serem os olhos que meu coração arrebataram,  
 ou mesmo de uma alvura mais resplandecente.  
 A brisa, com sopro ligeiro, as pernas lhe deixava a descoberto, entre sus-  
 surros,  
 pernas merecedoras de triunfar sobre as neves licaónias.  
 Pobre de mim! Os verdadeiros amantes, que é que os não atinge?  
 A brisa foi traíçoera ao meu olhar.  
 Pendia-lhe uma aljava do ombro; assim, pelos cumes de Cinto,  
 costuma a esquiva Diana deitar caça às tímidas feras.  
 Por uma deusa, primeiro, a tomei, pois o meu peito se enregelou,  
 por força não sei de que gelo.  
 Tão logo a voz revelou ser mortal, enquanto para mim à pressa  
 se encaminha, "olá!", me diz ela, com delicadeza maior do que é  
 costume;  
 e eu replico: "tu, a mim que vou deambulando por rochedos e ínvia penedia,  
 quer sejas uma deusa, quer uma donzela, sê-me solícita."

Esta aparente candura, no entanto, não é nota dominante. Por vezes, a altivez esquiva da mulher torna-o azedo; colhe, então, dos petrarquistas a técnica compositiva, o preciosismo retórico, onde avultam o trocadilho e o jogo verbal, mas vai buscar mais longe, quem sabe se ao despeito de Catulo ou Propércio, o veneno que destila:

#### *De mara meretricula*<sup>6</sup>

*Pulchra Mara est, inquis, sic uero ut nulla uideri  
 femina, nulla queat pulchra puella magis.  
 Illa tamen dura est et amara et tristis amanti,  
 nescit et in summa quid sit amare Mara.*

#### Da putéfia Mara

Bela é Mara, dizes tu, tanto que mulher alguma é capaz  
 de parecer, que mulher alguma é capaz de ser mais bela.  
 Ela é, porém, empedernida e amarga e triste para quem ama;  
 Não sabe, em suma, que coisa é amar Mara.

Frechadas destas, não as poupa às suas destinatárias.  
 Verbera acintosamente uma certa Vólux que está endoidecida por  
 um tal Lurcão – um homem reles, da pior espécie.<sup>7</sup>

<sup>6</sup> Ibidem, p. 135.

<sup>7</sup> *Ad Volucem*, ibidem, p. 136.

Uma outra, de nome Téstilis, porventura alcoviteira, prefere aviltá-la com os traços de um retrato vetusto (já antes do rei Afonso era o terror de mães apavoradas, useira e vezeira na perdição de rapazitos e no tráfico de donzelas).<sup>8</sup>

Mamertina Cloe, um nome meio horaciano, mas com um epíteto ou patronímico inusitado, é referente de mais que um poema. Amante de um eunuco ou maricas e libertina quanto baste, fustiga-a por enjeitar a corte de um seu amigo, a troco de uns cobres desse seu amante... que nada mais pode dar-lhe.<sup>9</sup>

Mais severa será uma outra imprecação, a fazer lembrar os momentos mais azedos de Catulo ou Propércio. Perdido de amores, tem consciência de trilhar os caminhos da tortura. Contraditória é, por isso, a relação que celebra com sua amada, em epigrama sugestivamente intitulado "A uma rameira lambe-botas" (*Ad adulatricem lenam*)<sup>10</sup>. O começo é exemplar:

*Mitte tuas artes, mulier, desiste subinde  
putida nescio quae tritaque uerba loqui.*

Deixa as tuas manhas, ó mulher! Pára, de quando em quando,  
com essa conversa não sei de quê, mal-cheirosa e já gasta.

Queixumes de um velho traído, confessa, incapaz de pôr cobro a uma paixão doentia.

Em instantes menos amargos, consegue celebrar a presença calorosa da amada, posto que tudo não passe da evocação de um sonho. As palavras, então, vêm repassadas do perfume que lhe terá inebriado uma noite mal dormida, espriam-se nos versos as formas lânguidas de um corpo que não chegou a possuir:

#### *De sua puella*

*Dic mihi, cur toties occurris nocte, puella,  
nec te mille pudet fingere nequítias?  
Nam modo ridenti rides, modo languida iactas  
brachia et interdum basia ferre iuuat,  
necnon et femori iungis femur. O Superi! O nox!  
O Venus! Vt falsis ludis imaginibus!  
At cum somnus abit, abeuntque insomnia tecum,  
iam mihi no eadem, quo prius ore, uenis;*

<sup>8</sup> *Ad Thestylin*, ibidem, p. 134.

<sup>9</sup> *Ad Mamertinam Chloem*, ibidem, p. 133-134.

<sup>10</sup> Ibidem, p. 134-135.



*nam riget in casto glacies tibi pectore, cuius  
mille faces nequeant rumpere duritiem.  
Et cum forma tibi sit pulchrior omnibus una,  
ipsa tamen cedit forma pudicitiae.  
Quod nisi te in somnis possum, mea uita, potiri,  
o utinam fiam Lathmius Endymion.*<sup>11</sup>

### Da sua amada

Diz-me, porquê tantas vezes vens ao meu encontro pela calada da noite,  
ó mulher,  
e não tens vergonha de fingir milhares de torturas?  
Ora a quem te sorri tu lanças sorrisos, ora os braços lânguidos  
tu lhos atiras e a troca de beijos, entretanto, vai-te dando prazer,  
e unes, mesmo, a outra coxa a tua coxa! Ó deuses do alto! Ó noite!  
Ó Vénus! Como te divertes com enganosas ilusões!  
Mas quando o sono se esvai e, com ele, se esvaem os sonhos,  
já não és a mesma que a mim se achega, com o rosto com que  
antes te achegavas.  
Ao invés, um bloco de gelo endurece em teu coração;  
nem mil chamuscas são capazes de romper uma tal dureza.  
E apesar de ser única a tua formosura, mais bela que todas,  
a própria formosura, no entanto, cede ao pudor.  
Por isso, se não posso desfrutar de ti, ó minha vida, a não ser em sonhos,  
oxalá acabe por tornar-me o Látmio Endimião."

Ao contrário dos humanistas seus contemporâneos, portanto, Diogo Pires conhece os caminhos da poesia sensual e erótica. Trilha-os com a mestria de Ovídio; e, no jogo da sedução, assume-se, sem dúvida, como o discípulo desse seu antepassado (no tema do amor como, também, no do desterro):

### *Ad amicam*

*Da te pressius inspicere et duro dicere in aurem  
aut tria uerba et me protinus interime.  
Vin maiora loquar? Da basia. Et inteream, ni  
illa foro in medio sobrius arripiam.  
Da mihi quod cupidus post oscula captat amator.  
Risisti. Bene habet. Iam mihi cuncta dabis.*<sup>12</sup>

<sup>11</sup> Ibidem, p. 133.

<sup>12</sup> Ibidem, p. 136-137.

### A uma amiga

Deixa olhar-te mais fundo e falar-te com dureza ao ouvido  
 ou dizer três palavras; e mata-me de uma vez.  
 Queres que diga mais? Dá-me beijos. E morra eu,  
 se tos não hei-de arrancar, mesmo que esteja sóbrio, no meio da praça.  
 Dá-me o que o amante desejoso logra alcançar depois dos beijos.  
 Começaste a rir. Pois bem. Já me vais dar tudo junto.

O amor, o vinho, a mulher, o prazer. E também a sátira, numa rara conjugação de todos estes temas, cáustica e corrosiva, trajada a preceito em vocabulário despudorado que faz lembrar os epigramas de Marcial talvez não o que buscava um amor (para evocar a feliz definição de Walter de Medeiros), mas daquele outro, o que aprimorou o retrato da cidade desvairada onde se perdia.

Pode tratar-se de uma caricatura; a certeza do traço, áspero e rectilíneo, a vivacidade das formas, a transparência do pormenor, a crueza da linguagem, tudo reflecte um tipo de canto que só a espaços se encontra no século XVI, em língua latina:

### *Ad Pyrrhum*<sup>13</sup>

*Est ancilla mihi, qualis sit praesulis, oro,  
 lusca parum, dextro debiliore genu;  
 ante diem bibit et totas iacet ebrias noctes  
 et uomit assidue, meit ante focum.  
 Videris impexam, iures uidisse Megaeram.  
 Rancidius nihil est cum sibi compta placet:  
 apparent atris gingivae dentibus orbae  
 et nulla in toto est uertice nigra coma.  
 At fugit antiquum cornix exterrita nidum,  
 exit ubi edicti formula terribilis.  
 Cura sit ancillis uerpos uitare salaces.  
 Sin minus, exsoluat crimina nuda nates.  
 Nuda nates ut stet mea pupula? Tolle pudorem,  
 atque tuas artes Pyrrhedis arte moue.*

### A Pires

Tenho uma criada – quem será a patroa, pergunto-me eu.  
 Um tanto vesga, coxa quanto baste da perna direita.  
 Começa a beber antes de ser manhã e fica estendida de bebedeira noites  
 inteiras,

<sup>13</sup> *Cato Minor*, 1596, p. 135.

e vomita constantemente e mijá diante da lareira.  
Se a visses desgrenhada, dirias que viste a Megera em pessoa.  
Nada existe de mais sórdido, quando lhe dá na gana de se enfeitar:  
aparecem-lhe, por entre os dentes, gengivas vazias,  
e no cruto do toutiço não há um só cabelo negro.  
Mas fuge a gralha, apavorada, ao velho ninho,  
quando é divulgada a fórmula do terrível pregão:  
"Ponham-se as criadas a pau com maricas libertinos.""

Em meio de vasta obra, como é a do Flávio Eborensis, não são muitos mais os exemplos de um culto poético que fez fortuna na Antiguidade romana. Por poucos que sejam, entretanto, são bem mais do que em tantos outros que elegeram o latim como língua de expressão poética.

Entre a Roma dos fins da República e começos do Império e o Portugal de Quinhentos, prolongada foi a viagem, no espaço, no tempo e nesse universo de emoções que os mapas não registam e os calendários não contabilizam. Muito se perdeu no caminho.

Émulos dos clássicos, encontramos-os no Cancioneiro Geral, em outras colectâneas de idêntica matriz ou na imensa produção poética de Camões, Bernardes e tantos outros. Dificilmente os vislumbramos no académico verso latino, pouco propenso a plasmar sentimentos, vividos em outras línguas.

Isso em nada desmerece, a meu ver, a poesia dos Humanistas; apenas nos obriga a olhá-la de outra forma, a reconhecer-lhe outras virtualidades, a admirá-la por outros prismas.

Diogo Pires será um caso à parte. Habitante, por uns tempos, da mesma *Occidua plaga*, a ventura, ou antes, a desventura determinou que por outras plagas a trocasse, em peregrinação incessante. Essa partida imposta, por ironia do destino, terá sido a raiz primeira da qualidade do seu canto, nascido na única língua que lhe restava, como denominador comum de quantas conheceu.

Vinho – amor – mulheres – prazer. Vida, em suma. Diogo Pires cantou em latim, porque terá sido em latim que sonhou. E chorou. E amou. E riu. Viveu. É aí que a poesia mergulha as suas raízes.